

# MOGAMBI CANAMENTE

Por CARLOS CARDOSO

N. 4/8/82

## E se Maputo fosse Beirute?

Nunca é demais repeti-lo: a invasão ao Líbano não é uma peculiaridade sionista, não é uma especificidade do expansionismo da classe dominante de Israel, não é, muito menos, um fenómeno inerente ao ser-se judeu.

Esta invasão — na escolha do momento internacional e nos seus aspectos militares — é apenas um dos fios da actual ofensiva do imperialismo na sua tentativa de recuperar parte do muito que foi forçado a perder nos últimos sete anos.

Por isso mesmo, é possível — e necessário — fazer um paralelo entre Beirute e Maputo, entre o regime sionista de Israel e o regime do «apartheid» na África do Sul, entre o triângulo imperialismo — regime sionista-falangistas e o triângulo imperialismo — regime do «Apartheid» — bandos armados.

E é possível — e necessário — fazer um paralelo entre as divisões no mundo árabe — que tragicamente enfraqueceram o apoio material aos palestinos — e as divisões que o regime do «apartheid» pretende instalar na África Austral com a presente «oferta» de terras sul-africanas à Suazilândia. (E se eu fosse angolano, zimbabweano ou nicaraguense escreveria palavras semelhantes no meu jornal angolano, zimbabweano ou nicaraguense).

É na configuração destes paralelos que podemos inserir na ofensiva imperialista a ameaça permanente que nos vem do vizinho que herdámos. Façamos então mais alguns paralelos.

Durante anos, o regime sionista utilizou os falangistas libaneses como sua ponta de lança dentro do Líbano. Em Moçambique, o regime do «apartheid» utiliza os bandos armados. (Existem muitas diferenças entre os dois fenómenos mas persiste a semelhança de ambos assentarem a sua sobrevivência numa potência estrangeira).

Antes de invadir o Líbano, Israel concentrou dezenas de milhar de soldados seus na fronteira libanesa.

Neste momento, o regime do «Apartheid» concentra dezenas de milhar de soldados junto à fronteira com Moçambique e lança sistemáticas acções de reconhecimento

aéreo e terrestre no interior do nosso território.

Israel invadiu o Líbano num momento de recrudescimento da luta dos palestinos nos territórios ocupados. Neste momento há um grande recrudescimento da luta do Povo sul-africano nas suas duas facetas: luta operária e luta guerrilheira.

(E, como elemento pitoresco lembromo-nos que a distância entre Beirute e a fronteira israelita é sensivelmente a mesma que de Maputo à fronteira sul-africana).

Poderíamos falar de muitos outros paralelos: entre Camp David e o «tratado de não-agressão» proposto por Pieter Botha como tentativa de levar os países da zona a abandonarem o seu apoio ao ANC; entre Anwar Sadat e os candidatos a Sadat na nossa zona; e outros.

Resta-nos fazer mais um paralelo: o paralelo entre o Povo Palestino e o Povo Moçambicano, entre a capacidade de combate do Povo Palestino e a capacidade de combate do Povo Moçambicano. (Cabem às tradições de análise do processo revolucionário moçambicano os primeiros paralelos que fizemos. Cabe, este último paralelo, às tradições do espírito ofensivo do nosso Povo).

No quadro actual da situação na região e no mundo, é esta ofensiva de atitude e de prática, que importa manter bem viva, da intimidade da solidão à conversa de amigo, ao discurso oficial.

É este espírito que está ausente naqueles de nós que ainda deixam a sua dignidade de moçambicanos afundar-se no complexo de inferioridade em relação à máquina ideológica e militar do «Apartheid».

Em última análise, trata-se de sacrificar tudo que é soberano nesta República Popular, toda a integridade dos princípios que teceram a nossa personalidade para que a África do Sul não passe da guerra não-declarada à guerra declarada.

O preço de não haver essa passagem é abandonarmos o nosso apoio à luta do Povo sul-africano e entrarmos na História da nossa zona com a vergonha de um judas. O preço de o «Apartheid» não nos molestrar o sono é aceitarmos a paz podre de um «Apartheid» intocável e todo poderoso. Em suma, ter medo do regime do «apartheid» é o primeiro passo para a continuidade desse regime.

Aqueles que têm medo restam-nos dizer: não façam nada, fiquem quietos, que o Povo Moçambicano desde já vos garante uma coisa — a língua futura dos vossos filhos não será o afrikaans.